

STELLA

Revista Trimestral | Nº 697 | Ano LXXXIII | Janeiro a Março | 2020



STA. JACINTA MARTO

**A VIAGEM DA SENHORA PELO MUNDO
A CULTURA E O EVANGELHO
O ITENERÁRIO DO JOVEM FORMIGÃO**

ÍNDICE STELLA

FICHA TÉCNICA

Fundador:

Padre Manuel Nunes Formigão

Editora e Proprietária:

Congregação das Irmãs Reparadoras
de Nossa Senhora de Fátima
www.reparadorasfatima.pt
Tel.: 249 539 240

Diretora:

Inez Vieira

Assessores de redação:

Ana Ferreira
Clara Marto
Nuno Prazeres
Rafael Marques

Redação e Administração:

Rua Francisco Marto, 203
2495-448 FÁTIMA – Portugal
Tel.: 249534767
E-mail: stellaredacao@gmail.com

Assinaturas:

Anual: 10 €
Amigo e Estrangeiro: 20,00 €
Pagamento Adiantado, no início do ano,
por vale, cheque ou transferência bancária:
SANTANDER TOTTA
NIB: 0018 2257 00477331020 86
IBAN: PT50 0018 2257 00477331020 86
SWIFT / BIC: TOTAPTPL

EJ nº 212378 – Registo ERC 112380

ICS Depósito Legal nº 89333/95

NIF: 500835560

Design Gráfico:

Cátia Lopes de Freitas

Impressão:

Gráfica Almondina – Torres Novas
Tiragem: 2000 exemplares

Capa: Santa Jacinta Marto, postal 002 -160 Fátima

Com aprovação da autoridade eclesialística

Estatuto Editorial:

<http://www.reparadorasfatima.pt/revista-stella>



02 - 03 | Ficha técnica | Índice | Editorial

Fátima, Stella Mundi

04 - 05 | Viagem da Senhora pelo mundo | Nuno Prazeres

06 - 07 | Rezemos pelo Santo Padre | Carla Ramos

08 - 09 | A prece à Jacinta | Lúcia de Jesus

10 - 11 | Jacinta pastora num lugar escondido | André Melícias

Fé e Vida

12 - 13 | O sabor da paz | Augusto César

14 - 15 | Nossa Senhora da Paz | Autor Desconhecido

16 - 17 | Cultura e o Evangelho | Carlos Azevedo

18 - 19 | Jacinta e a eutanásia | Manuel Arouca

Venerável Pe. Formigão, o Homem e a Obra

20 - 21 | Pe. Formigão e o Espírito de Reparação | José Cordeiro

22 - 23 | Entrevista | Fernanda Carvalho

24 - 25 | O itinerário do jovem Formigão | Gertrudes Ferreira

26 - 27 | Pe. Formigão em 1920 faz profecia | Inez Vieira

Olhares da Stella

28 - 29 | Rostos humanos do bem comum | Inez Vieira

30 - 31 | Stella lança o olhar mais ao longe | Félix Lungu

32 - 33 | A Amazónia fonte de vida | Ecclesia

34 - 35 | Publicidade



Estrela do vestido branco da imagem de N.ª Sr.ª de Fátima

Caros Amigos e Amigas
Ano 2020!

Que posso desejar a todos os amigos (as) neste Novo Ano?

A condição ou a noção de “Novo” é exigente e só é verdade se existir esta realidade dentro do nosso ser: conhecer, sentir, amar, apreciar, querer, e até agir sobre outras coisas, são operações que, quantas vezes acontecem de maneira ilusória, enganosa ou falsa, dentro de nós, embora só parcialmente.

Neste ano Novo desejo que quando buscarmos a verdade, o que nos interessa não seja só a ideia que temos em nós, mas sim que corresponda a um objeto real, que se torne alcançável e inteligível, através da ideia. Ninguém pode viver só de ideias, por mais verdadeiras, belas e boas que pareçam. Como dói dizer-se ideias muito lindas mas que não levam a nada!

Estas situações de contradição e conflito acontecem no interior de uma pessoa, entre os seus sentimentos e as suas ideias, por exemplo, quando choramos desesperadamente a morte de algum parente ao mesmo tempo que acreditamos na vida eterna; entre as ideias e o comportamento exterior, por exemplo, quando num momento juramos a alguém que o amamos como a nós mesmos e daí a pouco lhe negamos uma coisa de que tem necessidade.

Em pleno século XXI, em que as nossas relações humanas se tornaram universais, através dos meios de comunicação social e com maior perigo de superficialidade, encanta-me, a este propósito, o que a Ir. Lúcia, vidente de Nossa Senhora de Fátima, escreve acerca da sua prima Jacinta, quando estiveram na prisão de Vila Nova de Ourém, em que as lágrimas apareceram várias vezes como expressão da luta interna de ideias: *“Determinamos então rezar o terço. A Jacinta tira uma medalha que tinha ao pescoço, pede a um preso que lha pendure em um prego que havia na parede e, de joelhos, diante dessa medalha, começámos a rezar. Os presos rezavam connosco, se é que sabiam rezar; pelo menos estiveram de joelhos. Terminado o Terço, a Jacinta voltou para junto da janela, a chorar. – Jacinta, então tu não queres oferecer*

este sacrifício a Nosso Senhor? – lhe perguntei. – Quero, mas lembro-me da minha Mãe, e choro sem querer.” (Memórias da irmã Lúcia, 7ª edição, Fátima, pág. 37).

Chorar sem querer implica contrariedades várias no interior da própria criança, as quais denotam uma luta entre o sim e o não ou entre vários sins.

A STELLA quer levar aos amigos, esta busca da verdade que, desde o princípio a apaixonou, a verdade e os critérios que possam, finalmente, não sei quando nem como, juntar todos os filhos de Deus no mesmo e harmonioso coro de ação de graças pelo incomensurável dom da criação, da sua verdade, da sua beleza, do seu bem e felicidade e da alegria que são a coroa imperecível de todos os que a buscam com sinceridade.

É importante regressar à nossa História com esta realidade gravada no coração: Jesus leva à plenitude da vida o nosso jeito de ser e leva-nos a um relacionamento diferente com os outros, com os irmãos e irmãs. Foi-nos dado ver a ação de Jesus, foi-nos concedida por Deus, por isso é uma visão de fé, é um acontecimento de fé. Pode ser muito difícil abrir o coração, mas os resultados são abundantes. Às vezes temos falta de audácia em arriscar. O Pe. Formigão diz-nos: *“Para com o próximo o princípio que nos deve guiar é este: ver o que Deus nele pôs de bom e admirá-lo! Temos de visitar a nossa vida. Não podemos ser verdadeiros irmãos e irmãs se não queremos fazer a experiência da amizade verdadeira. A amizade requer tempo e muita fidelidade”.*

Esta primeira edição da STELLA, do novo ano, está ilustrada de ideias e factos veros da vida da Mãe de Jesus, do Pe. Formigão, da Jacinta e do Papa Francisco. Votos de Paz para todos!

MIV, rf

Viagem da Senhora pelo mundo

NUNO PRAZERES

A primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima foi entronizada no ano de 1920, na Capelinha das Aparições. Com o reconhecimento oficial das aparições e do culto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em 1930, surgem as primeiras réplicas da imagem. Os peregrinos cedo começaram a levar estas piedosas imagens para todo o mundo, iniciando um movimento que até hoje não parou.

Este ano assinala-se o centenário da escultura de Nossa Senhora de Fátima, a original. No ano 2017, comemorativo do centenário das aparições de Fátima, inúmeros relatos dão conta do dinamismo espiritual que imana da presença e da visita das imagens da Virgem de Fátima em Portugal e além-fronteiras, revelando o seu impacto na vida da Igreja e dos povos.

Iniciamos a nossa viagem pelo Oriente, voltando o nosso olhar para alguns países da Ásia, onde Nossa Senhora de Fátima tem um lugar muito especial.

Coreia do Sul



A Virgem Peregrina esteve neste país ao longo de dois meses, percorrendo 14 dioceses. O santuário da Paz de Nossa Senhora de Fátima, localizado junto da fronteira com a Coreia do Norte, foi o primeiro lugar a receber a imagem. Este santuário é fruto do empenho de muitos fiéis católicos que, desde 1974, começaram a reunir-se neste local, para celebrar a missa e pedir à Senhora de Fátima pela reunificação das duas Coreias. Organizou-se aí uma novena pela paz no

país. Durante os 50 dias em que a imagem peregrina esteve na Coreia, cerca de 55.500 fiéis rezaram junto dela.

Índia



Na Índia, a imagem peregrina visitou 29 Estados em 35 dias, demorando-se apenas algumas horas em cada lugar. Percorreu mais de 14 mil quilómetros. Foi venerada por 21 bispos, 384 sacerdotes, 4 mil religiosas e 49 mil fiéis. Em Bangalore, o arcebispo coroou Nossa Senhora e iniciou uma corrente de oração permanente do terço, em várias línguas, durante os dias 13 de cada mês. Em Bombaim, cidade que tem o mais antigo santuário asiático dedicado a Nossa Senhora

[Foto_ Nuno Prazeres]

de Fátima, foi distribuído o terço a milhares de pessoas, que percorreram as ruas em procissão.

Filipinas



Este país lançou um programa de visitas com a imagem peregrina durante 9 meses, com passagem pelas 86 dioceses, como parte do programa estabelecido pela Conferência episcopal para assinalar o centenário de Fátima. O lançamento das celebrações teve lugar no santuário nacional de Nossa Senhora de Fátima, em Valenzuela, Manila. Como legado do centenário, os bispos das Filipinas decretaram o estabelecimento da prática dos Primeiros Sábados do Mês nas várias dioceses.

Singapura



As principais celebrações neste país tiveram lugar na igreja de São José, fundada por missionários portugueses em 1853. Esta igreja tem um santuário exterior dedicado a Nossa Senhora de Fátima, onde são celebradas procissões de velas nos dias 13 de cada mês. Foi ainda organizado um “block rosary”, uma tradição muito enraizada, iniciada em 1935, e que consiste na visita da imagem de Nossa Senhora de Fátima a uma família, durante 9 dias, nos quais se convidam os vizinhos para rezar e fortalecer os laços da comunidade. Porque peregrina Nossa Senhora? Porque vai em missão de anúncio, carrega consigo Jesus, consolação e salvação para a humanidade.

Nuno Miguel Reis Prazeres
Diretor do secretariado do Apostolado Mundial de Fátima

Nota: Este artigo baseia-se no livro “Fatima Centenary around the world”, editado pelo Apostolado Mundial de Fátima, que recolhe testemunhos dos vários países onde o movimento se faz representar.

Rezemos pelo Santo Padre

CARLA RAMOS



“**N**ão vês (...) o Santo Padre em uma Igreja, diante do Imaculado Coração de Maria, a rezar? E tanta gente a rezar com Ele?” (Memórias da Irmã Lúcia, p. 127) perguntou, certa vez, Santa Jacinta Marto à sua prima Lúcia. Da mesma forma, esta última narra: “*Foram interrogar-nos dois sacerdotes que nos recomendaram que rezássemos pelo Santo Padre. A Jacinta perguntou quem era o Santo Padre e os bons sacerdotes explicaram-nos quem era e como precisava muito de orações. A Jacinta ficou com tanto amor ao Santo Padre que, sempre que oferecia os seus sacrifícios a Jesus, acrescentava: e pelo Santo Padre.*” (Ibidem, p. 50)

Nós sabemos que Cristo, o Filho de Deus que tem “*todo o poder no Céu e na Terra*” (Mt 28, 18), é a “*pedra viva, (...) pedra angular*” (1 Pe 2, 4.6) da Santa Igreja e também somos conhecedores de como anunciou a instituição da mesma: «*Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus; tudo o que ligares na terra será ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu*» (Mt 16,18-19). E já Ressuscitado reiterou ainda a Pedro: “*Apascenta os Meus cordeiros*” e “*Apascenta as Minhas ovelhas*” (Jo 21, 15.17). Deste modo, pelos séculos, o ministério universal de Pedro continuou a ser exercido pelo Bispo de Roma e o ministério dos outros apóstolos a ser cumprido pelos Bispos unidos

[Foto_Carla Ramos]

a ele. Assim, por ser o representante de Cristo na terra é a cabeça do colégio apostólico ou colégio episcopal. No entanto, a pequenina Jacinta, sem ter este conhecimento, detinha uma noção especial sobre a grande missão do Vigário de Cristo, como referiu um anterior Reitor do Santuário de Fátima: “Mesmo sem conhecer os detalhes da teologia acerca da Igreja e do lugar que nela ocupa a pessoa do Papa, a sua função e magistério, a Jacinta interiorizou (...) o sofrimento, a perseguição e o martírio a que é submetido, na sua condição de condutor da Igreja. (...) Ela sente como seu o sofrimento do Santo Padre, numa atitude de solidariedade e de comunhão, próprias de quem se sente pertença do mesmo Corpo Místico de Jesus Cristo, que é a Igreja.” (Pe. Virgílio Antunes, in jornal “Voz da Fátima” de 13/10/2009). Contudo, no nosso tempo, não é raro encontrarmos quem se identifique “católico”, afirmando “cá tenho a minha fé”, e nem sempre aceitando a totalidade da doutrina da Igreja. Desta forma assiste-se, por vezes, a tentativas de “adaptação da fé à medida de cada um”. É precisamente neste contexto que se torna essencial a nossa fidelidade incondicional e as nossas constantes súplicas pelo pastor e guia da Igreja.

Efetivamente, na terceira parte do segredo de Fátima, em linguagem apocalíptica, surge em destaque a figura do Papa, o “bispo vestido de branco”, e também, na Terceira Memória, Lúcia

apresenta a descrição que Santa Jacinta lhe fez duma visão que teve junto ao poço do Arneiro: “Eu vi o Santo Padre em uma casa muito grande, de janelhos, diante de uma mesa, com as mãos na cara, a chorar. Fora da casa estava muita gente e uns atiravam-lhe pedras, outros rogavam-lhe pragas e diziam muitas palavras feias. **Coitadinho do Santo Padre! Temos que pedir muito por Ele**” (pág.126). Esta conexão da mensagem de Fátima com o Sumo-Pontífice tornou-se cada vez mais evidente nas peregrinações de vários Papas a Fátima: Paulo VI a 13 de maio de 1967; João Paulo II em 13 de maio de 1982, 1991 e 2000; Bento XVI de 12 a 14 de maio de 2010 e Francisco em 12 e 13 de maio de 2017. Neste sentido, nas palavras de D. José Policarpo, anterior Cardeal-Patriarca, devemos “aprofundar a relação constitutiva da mensagem de Fátima com o Santo Padre, seja ele qual for, porque o Papa da Igreja é sempre aquele que, em cada momento histórico, Deus pôs à frente do Seu Povo, como presença sacramental de Cristo Bom Pastor. O amor ao Papa está presente, desde o início, na mensagem e na espiritualidade de Fátima. Os pastores rezavam continuamente pelo Santo Padre. (...) Fátima tem de ser, cada vez mais, um lugar indiscutível de comunhão eclesial, manifestada na união ao Santo Padre, amor à sua pessoa e obediência ao seu Magistério (...) acatando a sua palavra, rezando pelo que ele reza,

desejando o que ele deseja, sofrendo com ele pelo triunfo do Reino de Deus” (in Homilia da Peregrinação Internacional de maio 2005, no Santuário de Fátima). Em suma, fica o apelo para que a nossa oração, cada vez mais frequente e fervorosa, possa corresponder inteiramente ao pedido de Santa Jacinta Marto.

Carla Ramos,
Presidente da O.R.F.



Meanlong
Tut

Prece à Jacinta

Das memórias I da Irmã Lúcia

A pedido de Sr. D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, Lúcia queria iniciar a narração da vida da prima Jacinta. Como não tinha muito tempo livre, e as horas de trabalho eram em silêncio, lembrou-se que o melhor era ter sempre à mão um papel e um lápis para apontar o que lhe viesse à memória, durante o silêncio do trabalho manual. Por outro lado, confiava na inspiração dos Santíssimos Corações de Jesus e de Maria para escrever só o que Eles lhe quisessem recordar da vida da pastoreira mais nova, que também teve a dita das visões da Senhora. Em 1917, na primeira aparição faltou ao prometido de guardar segredo do que tinha visto e ouvido. De vez em quando exclamava com entusiasmo: «Ai que Senhora tão bonita!» e, no dia seguinte, confessou com as lágrimas nos olhos à Lúcia: «Eu tinha cá dentro uma coisa que não me deixava estar calada!»

Em 1935 Lúcia encontrava-se em Pontevedra. Em menos de quinze dias lavrou por escrito as suas recordações, escolheu a solenidade de Natal para concluir o pedido do senhor Bispo de Leiria.

Lúcia iniciou, na segunda semana de dezembro, esta poesia em forma de prece suplicando à Jacinta ajuda para fazer com fidelidade a descrição do seu retrato.

Ó tu que a terra
Passaste voando
Jacinta querida,
Numa dor intensa,
Jesus amando
Não esqueças a prece
Que eu te pedia.
Sê minha amiga
Junto do trono
Da Virgem Maria.

Lírio de candura,
Pérola brilhante
Oh! Lá no Céu
Onde vives triunfante,
Serafim de amor
Com teu irmãozinho
Roga por mim
Aos pés do Senhor

Lúcia de Jesus.
Pág.21 do Livro das Memórias

Jacinta Marto: pastora num lugar escondido, candeia nos altares do mundo

ANDRÉ MELÍCIAS

O acontecimento de que deram testemunho ter experienciado naquele segundo domingo de maio de 1917 proporcionou à Lúcia, Francisco e Jacinta um protagonismo inesperado, transformando, ao longo de um século, aquelas crianças que apascentavam gado «num lugar escondido de uma aldeola desconhecida» (Fátima 50, n.º 1, p. 2) em referência para o modo como muitos crentes vivem a sua fé, tendo duas delas atingido a canonização. Centrando a nossa atenção na figura de Jacinta – sobre cujo falecimento se cumpre um século neste ano de 2020 – propomo-nos realizar um breve percurso pelo modo como foi percecionada e pelo interesse que a ação daquelas crianças despertou numa multiplicidade de receptores.

Nascida no dia 5 de março de 1910, Jacinta Marto viu-se, pela experiência do que, junto com Lúcia e Francisco, afirmava ser a visão de uma «Senhora vestida toda de branco» (IV Memória da Irmã Lúcia), transportada para o seio de um dos maiores debates da modernidade, em torno da existência de Deus e da possibilidade da sua intervenção nos destinos da Humanidade. Foi pela boca de Jacinta, a mais nova do grupo, que o relato da mariofania de maio de 1917 se tornou conhecido, primeiro da família, depois da aldeia, não tardando a notícia a galgar as fronteiras do país (Documentação Crítica de Fátima III-1, pp. 84-85).

As tensões sociais e ideológi-



«Lúcia, de 10 anos; Francisco, de 9, e Jacinta, de 7, que na charneca de Fátima [...] dizem ter falado com a Virgem Maria»

[Foto_Arquivo SF]

cas resultantes da orientação anticlerical da I República poderão estar na origem da atitude agressiva da comunicação social afeta ao regime político face a Fátima, visível também no modo como descrevia as três crianças-videntes, que não foram poupadas a epítetos como «labrostes» ou «labregosinhos videntes». Para além de evidenciar a tenra idade, a tentativa de reforçar traços de boçalidade surge como uma estratégia de depreciação do testemunho de três crianças que afirmavam ter visto algo impossível à mentalidade positivista, que apenas concebia o evento como resultando de «um caso de alucinação de pobres crianças que frequentam assiduamente a igreja» (Idem, p. 49). Outra das características da receção inicial aos acontecimentos de Fátima é o do relativo desconhecimento da imprensa acerca do número, sexo e nomes dos videntes. De facto, os videntes aparecem nomeados pela primeira vez num artigo do jornal O Mundo, de 19 de agosto, mas o texto atribui idade errada a uma das crianças. Somente no conhecido artigo em que, em 15 de outubro de 1917, Avelino de Almeida relatou aos leitores d'O Século «como o Sol bailou [...] em Fátima», os videntes aparecem, pela primeira vez, corretamente identificados pelo seu nome e idade, conforme texto da legenda à fotografia dos mesmos: «Lúcia, de 10 anos; Francisco, de 9, e Jacinta, de 7, que na charneca de Fátima [...] dizem ter falado com a Virgem Maria» (Idem, p. 237).

Onde alguns viram justificação para suspeita, outros viram traços de sinceridade e deixaram-se tocar pelo relato da experiência de que as crianças davam testemunho, alicerçando neste uma devoção crescente, que chega de modo muito sensível aos nossos dias. Ao longo deste século, Jacinta parece ter interpelado facilmente os crentes, eventualmente atraídos pela imagem de inocência e simplicidade da menina de tenra idade, ou preferindo a alegria e vivacidade que lhe são imputadas à timidez e mansidão definidoras da personalidade e espiritualidade de seu irmão Francisco.

Um bom exemplo da facilidade com que tocou os crentes é o da comoção gerada pela sua doença e pela sua morte, em 20 de fevereiro de 1920, que, não comparável ao mediatismo do falecimento de Lúcia, contrasta com a receção discreta do falecimento de Francisco, menos de um ano antes (cf. DCF III-2). Outro exemplo será o facto de Jacinta ter sido a primeira dos três videntes a merecer uma obra de carácter biográfico, designadamente o livro “Jacinta”, de José Galamba de Oliveira, editado primeiramente em 1938 e que, em 1943, tinha já atingido a 5.ª edição, com um total de 30000 livros impressos, além de ter sido traduzido em língua italiana em 1940 e espanhola em 1941.

A receção popular ao percurso biográfico de Jacinta e de seu irmão Francisco levou à abertura dos pro-

cessos informativos diocesanos, para verificação das virtudes e fama de santidade de ambos os videntes, num processo que decorreu entre 1952 e 1979. Valorizados e reconhecidos pela sua riqueza espiritual, Jacinta e seu irmão foram beatificados em 13 de maio de 2000 – sendo apodados por João Paulo II como «candeias que Deus acendeu» – e canonizados no dia 13 de maio de 2017, sendo apresentados aos católicos de todo o mundo como exemplos de vivência de fé.

Dr. André Melícias
 Coordenador do Serviço de Arquivo e
 Biblioteca do Departamento de Estudos do
 Santuário de Fátima

O sabor da Paz

AUGUSTO CÉSAR

A inspiração mais nítida, com sabor a paz e a ternura de criança, encontra-se no interior da Gruta de Belém. Pois, tanto o ‘coro’ dos Anjos ouvido pelos pastores, como a ‘suavidade da estrela’ vista pelos magos e seguida ao longo do caminho, fazem eco no interior da mesma Gruta, a ponto de gerar fé e gratidão, e de motivar um alegre testemunho.

Entretanto, parece-nos estranho que Deus se manifeste de maneira tão simples, como se o mistério fosse natural e o natural fosse mistério. E, no entanto, é por aí que passa a pedagogia divina, estimulando sem nada impor, tudo o que de bom há no homem e na sua história. Mas, se não dermos atenção ao essencial, facilmente nos deixamos fascinar pelo brilho das aparências ou enredar pelo ímpeto da moda. Às vezes, até parece que a vida humana, sobretudo no começo, é mera insignificância ou embaraço – como se a semente não contivesse, em si mesma, toda a promessa da seara! Assim, também, a mãe, no íntimo das suas entranhas, faz uma experiência única e indizível, da surpresa e do mistério, que só o amor e a fidelidade podem avaliar. E, à medida que o filho se desenvolve no seu ventre, experimenta o encanto da missão recebida e a predileção do Criador. Por isso, atrever-se a abusar dela ou divertir-se com o seu abuso, é crime que merece da sociedade um clamor de reprovação. E quem diz prestar um serviço, mais não faz do que escarnecer do mais íntimo e profundamente feminino ou ‘sagrado’ que há na mulher. A mãe concebe algo que a ultrapassa e enriquece; por isso, acolhe o dom da vida e nunca se sente ‘dona’.

Ora, se alguns discursos perturbam a mente e o coração, a moda também embacia o discernimento. Isto, mormente, quando a chamada ‘autonomia laica’ rejeita a hierarquia de valores e aborrece os valores que sugerem transcendência. E, em troca, oferece o que não tem: liberdade sem limites e felicidade igual à soma das experiências



[Fotos_ STELLA]

liberais ou caprichosas. De facto, quando a 'educação' não é dever moral e a democracia é tudo menos 'humanização', o capricho toma conta do terreno. E, então, todos se acham 'livres'... mas 'descontentes'. *Ora, a lição do Presépio é bem diferente: sugere paz, confiança, acolhimento e respeito pela vida... e exclui toda a forma de azedume e violência.*

A Paz pode ser representada de muita maneira, mas o rosto de uma criança é sempre o mais expressivo. Por isso, quando uma família não tem filhos, sente um certo vazio (ou menos paz)... e tem necessidade de recorrer à medicina, para corrigir a natureza. Também, quando alguns vizinhos não se falam e se mantêm à distância... o que fazem melhor é deixar que os filhos pequenos brinquem juntos, para corrigir com inocência a dívida fraterna, que aconselha a dizer mal ou a voltar as costas. O civismo deve temperar sempre as ideias e as atitudes; e se a virtude tomar a dianteira, pode somar esforços e não sacrificar projetos (e essa deve ser a diferença dos cristãos). Olhemos, de passagem, para a Assembleia da República (com todo o reconhecimento que ela nos merece!)... e apontemos algumas sessões em que o cinismo desfigura a seriedade da argumentação e revela um certo comprazimento em humilhar o adversário! Será que os filhos, em casa, não aprendem a lição... e essa 'escola' (*Escola Nacional*) não acabará por estimular e justificar alguns comportamentos autossuficientes?

A Paz, com efeito, ou manifesta um rosto humano ou faz caricatura da pessoa humana. E o Papa Bento XVI afirmava: *"a pessoa humana é o coração da paz"*! Isto é: define as suas feições, acolhendo a vida... estimulando a liberdade... e rejeitando tudo o que é redutor

do próprio homem e da sua missão. Por isso, não depende dos mais fortes ou dos mais sábios ou dos mais influentes. Depende, sim, de cada um, de cada pessoa, assim como a parede duma casa depende de cada bloco ou tijolo. E se quer aparecer como resposta aos anseios humanos mais profundos, deve estimular a dignidade de cada pessoa e a igualdade da natureza de todas elas. Deve respeitar, também, as diferenças, favorecendo a liberdade religiosa, coisa que o 'laicismo' não consegue digerir. Por isso, a Igreja há de estimular a pessoa humana, na direção da sua transcendência, isto é: do mais além... que passa pelos irmãos e, decerto, pelos mais pobres. E outras Instituições ou Organizações que concorrem para as mesmas aspirações, merecem igualmente ser reconhecidas e ajudadas nos seus propósitos. Pois, o Estado, como 'pessoa de bem', não consegue fazer tudo e não deve fazer tudo... mesmo que algumas vezes sinta essa ambição.

Repitamos uma vez mais: *"a pessoa humana é o coração da paz"*! Por isso, tudo o que desfigura a humanidade ou, mais ainda, se mostra desumano, faz pouco da Paz e faz pouco de si mesmo.

Dom Augusto César
Bispo Emérito de Portalegre-Castelo Branco

A Nossa Senhora da Paz

[Foto_ STELLA]

Quando chegar a hora
De escutar a voz de Deus,
Maria de Nazaré,
Ajuda-me a dizer “sim”.

Quando chegar a hora
De servir a quem mais precisa,
Maria da Visitação,
Dá-me espírito de servo.

Quando chegar a hora
De sonhar um mundo novo,
Maria de Belém
Manda os anjos do Natal.

Quando chegar a hora
De enfrentar algum perigo,
Maria do Egito,
Vem depressa em meu socorro.

Quando chegar a hora
De rezar ao Pai do Céu,
Maria da Apresentação,
Associa-me ao teu Filho.

Se algum dia me perder
Fora das “coisas do Pai”
Maria de Jerusalém,
Não deixes de me procurar.

Quando chegar a hora
Em que falta a paz ou o pão,
Maria de Caná,
Roga ao teu Jesus por mim.

Quando chegar a hora
De sofrer e de chorar,
Maria do Calvário,
Fica ao pé da minha cruz.

Quando chegar a hora
De espalhar o Evangelho,
Maria do Cenáculo,
Ateia o fogo em mim.

Quando chegar o termo
Do meu peregrinar,
Maria da Assunção,
Abre-me a Porta do Céu.

Enviado pelo Pe. Manuel Couto.
Autor desconhecido.



Cultura e Evangelho: diálogo sempre em caminho de conversão

CARLOS MOREIRA AZEVEDO



Papa Francisco com os representantes das diferentes religiões e culturas

O termo cultura tem sofrido uma enorme evolução desde o ambiente iluminista alemão onde se forjou. Nos últimos cinquenta anos amplificou-se o conceito que começou a usar-se no plural em ordem a transmitir a variedade e pluralidade de culturas. Deixou de se circunscrever a uma vertente erudita e académica para se alargar. Podemos, por clareza, recorrer aos três significados, que hoje recolhe:

1. Visão subjetiva: cultura como atividade pela qual o ser humano se cultiva a si próprio, procura aceder à plenitude da sua humanidade. Tem cuidado da sua dimensão interior, assimila os valores do verdadeiro, do belo, do bom e justo. É cada vez mais humano, de modo mais pleno.

2. Visão objetiva: cultura como elaboração de um grupo humano que se torna comum e caracterizante desse

povo. Inclui património de conhecimentos, valores, qualidades do espírito humano. É a conceção clássica e humanista, voltada para a vida intelectual.

3. Visão antropológica: cultura como sistema e escala de valores, interpretação particular da realidade, linguagem e religião, sistema de elementos em contínua evolução histórica: ideias, artes, eventos, um complexo de modelos de vida socialmente exaltados

[Foto_Internet]

e acolhidos. Abrange elementos sociais como os costumes, as leis, as instituições: elementos operativos como técnica, economia, artefactos. Encarnam o sentido geral da vida e as experiências fundamentais: família, amizade, convivência, trabalho, desporto, beleza, sofrimento, morte e relação com o transcendente.

Para as comunidades cristãs esta amplitude é o primeiro desafio para uma perspectiva de inculturação da fé, fiel ao Evangelho. Somos convocados a um alargamento de olhar pastoral aos vários níveis referidos. Podíamos, em sucinta e esquemática correspondência, apontar três formas de inculturação.

1. Cultivo cristão do ser humano operado por cada discípulo de Jesus, em adesão à antropologia teológica que a Revelação oferece à humanidade. O protótipo de uma humanização dos seres humanos é Cristo. A inculturação conduz à procura e à contemplação do mistério do ser humano, no mistério do Verbo encarnado. Positivamente vive-se uma ética de autenticidade, que recusa como repressão qualquer tentativa de impor à complexidade da vida emotiva critérios rígidos racionais. Valoriza-se a autorrealização e a qualidade de vida. Ganha importância a atenção dada a cada pessoa, a aproximação e acolhimento de cada ser na sua unicidade. Ganha novo vigor o anúncio do Evangelho nos lugares ordinários da vida, no trabalho, na família.

2. Como conjunto de elabora-

ção de um povo, a cultura requer um processo de inculturação que deve qualificar-se como reconhecimento do papel desenvolvido pelo cristianismo em 2000 anos de literatura, arte, arquitetura, música, filosofia e direito. A comunidade crente toma consciência do valor do património cultural cristão.

3. A valência antropológica é a mais exigente para os cristãos. Não se trata de viver do património adquirido, mas de o realizar no tecido da história de hoje. Apenas pelo testemunho crente e realmente vivido dos valores evangélicos se propõe e dá carne à antropologia cristã.

Grande desafio será a elaboração de uma perspectiva da sociedade futura, estruturada à volta dos princípios antropológicos cristãos. A dimensão antropológica é o terreno de encontro e de diálogo entre fé e culturas. Valores, mentalidades e costumes, inspirados na antropologia cristã, contrastam com secularização das consciências, défice de presença no espaço público.

Mais do que nunca será fundamental desenvolver a capacidade de interpretar, estimular e enriquecer ulteriormente as formas culturais do vivido pelo Povo de Deus, juntando cultura vivida e cultura refletida. Trata-se de um processo em curso, uma convergência dialógica, aberta sempre a novos desenvolvimentos, que ofereçam contemporaneamente espaço a uma pluralidade sinfónica de expressões e de itinerários.

A relação fé e cultura teve ao

longo da história momentos de boa síntese e ocasiões de alguns conflitos. Podia recordar-se: Agostinho, Tomás de Aquino, Pascal, Newman, Rosmini e outros. Representam situações negativas sejam os espaços de contracultura, como o típico momento dos donatistas, sejam as atitudes de hegemonia cultural, apesar de apresentar condições de vida ideal para a mensagem cristã.

A fratura entre Evangelho e cultura, reconhecida por Paulo VI em 1975 (*Evangelii Nuntiandi*, n. 20) “drama da nossa época”, cresceu até aos nossos dias e prossegue.

A fé cristã não se reduz a fenómeno cultural, religião civil, herança de uma religião já pouco seguida. O Papa Francisco reclamando a atenção para uma inculturação que respeite a diversidade cultural das igrejas e continentes, aponta a via exigente da sinodalidade, a urgente necessidade de encontrar juntos caminhos para que a essencial identidade do Evangelho não se confunda com as expressões culturais, artísticas, legais, teológicas de um dado momento ou espaço.

Dom Carlos Moreira Azevedo
Delegado para os bens culturais - Pontifício
Conselho da Cultura

Jacinta e a Eutanásia

MANUEL AROUCA

Jacinta e a eutanásia, reconheço que é um título duro. E pode o leitor questionar que é completamente fora do contexto. O que é que a história da santa Jacinta pode ter a ver com a eutanásia? Tema que não fazia parte da agenda política à época da querida pastorinha, mesmo que poucos anos depois fosse prática corrente de um regime diabólico que foi o regime nazi de Hitler. Mas a realidade é que a eutanásia, que no fundo é autorização para tirar a vida de um terceiro por razões de sofrimento ou falta de qualidade de vida está na ordem do dia. O que no tempo dos nazis e dos goulags comunistas era desumano, hoje, por uma argumentação, com toques de angélica, é humano, e muitas vezes nós os cristão é que passamos por intolerantes. Não vou especular mais sobre a eutanásia, (o que se falará são questões concretas) só deixar bem claro, que em países que se abriu a porta, a porta se escancarou, e já não se sabe se a eutanásia é porque o doente tem ou não qualidade de vida, mas porque o doente, ou velho, ou incapaz, incomoda, está a mais.

Jacinta, com Francisco e Lúcia, viu o inferno pelas mãos de Nossa Senhora. Jacinta que já tinha experimentado o céu, e a luz que ilumina os corações de um amor indescritível, ficou, muito mais que aterrada de ver o inferno, ficou com uma tremenda compaixão das almas que penavam no inferno. E foi, como sabemos da sua história, aos limites dos sacrifícios pela conversão dos pobres pecadores. E também sabemos, que ela é como uma mãe da ordem das Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima, que são fruto de uma dolorosa luta do servo de Deus, o cônego Manuel Nunes Formigão. Mas essa luta nasce de um pedido da Jacinta, já no leito do hospital, ao padre Formigão, através da Madre Godinho, que basicamente tinha e tem como apelo: que é preciso fazer muita reparação para salvar as almas dos pobres pecadores e do mundo.

Vale a pena voltar à eutanásia. Para qualquer cristão quem dá a vida é Deus, quem tira a vida é Deus. Por isso tirar a vida de outro, seja porque razão for, é objetivamente um pecado mortal. Penso que não há grande volta a dar.



Madrinha, tire-se daí que estou à espera de Nossa Senhora!

Pois, vem a defesa da eutanásia, e daqueles que a querem implementar, e que com astúcia trazem argumentos altamente humanos, de compaixão humana, “não se trata mais do que aliviar o sofrimento do próximo – é, por assim dizer, uma obra de amor”. Uma decisão humana, como quem pratica a eutanásia com um “rosto de anjo”. O anjo que corta todo o sofrimento.

Muitos cristãos e cristãos católicos, deixam-se confundir, ninguém merece sofrer, então a eutanásia, é um bem para um mal que custa a suportar. Mas é uma decisão humana.

[Desenho de Higino]



Pelas dez e meia da noite, apenas acompanhada por uma enfermeira, Jacinta adormecia tranquilamente no Senhor.

E voltamos à nossa gênese de filhos de Deus. Ele dá a vida, Ele tira a vida. Muitas vezes com sofrimento, imensas vezes, mas Deus não foi hipócrita, o Seu filho sofreu à luz da nossa humanidade, sofreu de uma forma absurda, a todos os níveis, até porque era uma acusação tremendamente injusta. O sofrimento, à luz da fé, à luz de Deus, mais pujante que seja, traz o amor de Deus e a salvação do essencial, a nossa alma.

Jacinta, a pequena Jacinta, mas com uma maturidade espiritual dos “velhos”, que sabia que ia para o céu, aceitou o seu sofrimento, fez dele a causa, a causa de re-

paração, da salvação de muitas almas. Esse tem que ser o combate de qualquer cristão, salvar a alma e a do seu próximo. Jacinta que tinha o eterno Amor à sua espera, aceitou a cruz de vir para Lisboa, para ser operada, lutando pela vida até às últimas consequências. Na cirurgia, onde a anestesia não pegou, foi um verdadeiro testemunho de Cristo como suportou toda aquela terrível dor. O seu sofrimento foi testemunho para enfermeiras, médicos, familiares das crianças doentes, das próprias crianças, foi testemunho: de que muito para além do sofrimento, há uma luz eterna que nos espera. A felicidade da nossa alma com Deus, e essa não pode pactuar com decisões humanas, que estão relacionadas com a nossa eternidade. Com questões que estão no Coração do Princípio e do Fim de tudo.

Aprofundar a vida da Jacinta, o seu combate, com todo o tipo de penitências para a conversão dos pecadores, do sofrimento que passou, não lhe pondo limites, mas sempre irradiando amor – é uma arma de fé poderosa que temos para combater uma corrente da humanidade, que faz moda, e que quer substituir a Deus.

Um Cristão, também em nome dessa nossa santa Jacinta, não pode ter dúvidas, não pode pactuar com a eutanásia, porque em causa está um Bem muito maior.

Doutor Manuel Arouca
Escritor e argumentista de TV

O Pe. Formigão e o Espírito de Reparação

JOSÉ MANUEL CORDEIRO



Irs. Cecília co-fundadora e Ernestina, superiora geral na primeira hora de adoração eucarística, no Santuário, em 1 janeiro de 1930

No contexto cultural e religioso dos anos 30/40 do século XX, no qual o vosso Instituto nasceu, prevalecia ainda, a teologia da reparação como uma participação da pessoa humana à invisibilidade/visibilidade da Paixão redentora de Cristo, do homem e do mundo. Era um tempo em

que se privilegiava a adoração eucarística em detrimento da celebração litúrgica do Sacramento dos sacramentos.

O Pe. Manuel Nunes Formigão no seu Instituto de vida consagrada valorizou sempre o aspeto da adoração do Senhor no mistério eucarístico, sacramento permanente da presença de Cristo, e o espírito de adoração e reparação na Presença real da Eucaristia e na liturgia da vida. E elucidava as jovens irmãs que *«A reparação não é apenas, como muitas pessoas piedosas julgam, como o julgam até pessoas consagradas a Deus, uma prática ou um conjunto de práticas, é também e antes de mais nada, um espírito: o espírito de reparação»*¹.

A centralidade da celebração eucarística é o lugar privilegiado do encontro com o Senhor, é a fonte e o vértice de toda a vida cristã.

Passou-se da memória da Páscoa para o sentido da presença real da pessoa de Cristo no sacramento da Eucaristia. E, *«o achar-se na presença de uma pessoa leva necessariamente, a sentir-se convidado a conversar com ela. E se esta pessoa é de nível superior – como Cristo – o primeiro impulso é desfazer-se em saudações e gestos de respeito e homenagem e, em seguida, dirigir-se ao seu poder e à sua bondade para obter os favores esperados»*².

No segundo milénio, a natureza da participação convivial da Eucaristia e a união com Cristo pela comunhão passaram a segundo plano. A importância foi dada à “visão da hóstia”, provocando um deslocamento da própria celebração eucarística. O momento da “consagração”, isto é, aquele momento da narração da ceia, no qual Cristo dá, no pão e no vinho, o seu corpo sacrificado e o seu sangue derramado, desviou-se para longe da sua finalidade original: *«tomai e comei, tomai e bebei»*. O desejo de “ver a hóstia” fez criar o rito da “elevação” na celebração da Eucaristia e posteriormente as formas mais espetaculares das exposições do sacramento, as procissões, os grandes sacrários....., daqui nasceu a solenidade do *Corpus Domini*.

Todavia, o critério de avaliação da adoração eucarística é a celebração da Missa e não o contrário. Bento XVI observa claramente que *«a adoração eucarística é apenas o*

[Fotos_ Arquivo MNF]



Pe. Vasco Pinto de Magalhães e Pe. Saturino, assistente eclesiástico da Congregação. Celebração da Eucaristia na Casa Pe. Formigão

prolongamento visível da celebração eucarística, a qual, em si mesma, é o maior ato de adoração da Igreja»³. E, a adoração do Senhor no sacramento fora da Missa é, também um modo de comunhão com a Morte e a Ressurreição do Senhor, porque a adoração nasce da representação do evento pascal de Cristo, por meio da Eucaristia. «Estar diante do sacramento em oração adorante significa sintonizar-se no comprimento de onda da celebração, para procurar traduzi-la o mais possível na vida quotidiana. Os consagrados devem, de qualquer maneira, recordar que nenhuma dimensão da Eucaristia deve ser descuidada»⁴. Por tal motivo, as genuínas partes a sublinhar da dimensão do mistério eucarístico, de acordo com o carisma reparador querido pelo Pe. Formigão, são enriquecedoras para toda a Igreja se a Eucaristia é celebrada e vivida na sua inteireza, ou seja, como memorial, sacrifício, banquete pascal e como presença real.

O desafio desta missão enfrenta-se com coragem

e confiança pela Eucaristia, que por sua natureza, está no centro da vida consagrada, pessoal e comunitária. «*É viático quotidiano e fonte da espiritualidade do indivíduo e do Instituto. Nela, cada consagrado é chamado a viver o mistério pascal de Cristo, unindo-se com Ele na oferta da própria vida ao Pai, por meio do Espírito. A adoração assídua e prolongada de Cristo presente na Eucaristia permite, de algum modo, reviver a experiência de Pedro na Transfiguração: “é bom estarmos aqui!”. E na celebração do mistério do Corpo e do Sangue do Senhor se consolida e incrementa a unidade e a caridade daqueles que consagraram a Deus a sua existência»⁵.*

Desde os inícios da Igreja que a Eucaristia é vivida como sacramento de unidade e de amor. Santo Agostinho nos exorta: **Sede o que vedes e recebei o que sois:** «*O que vedes é o pão e o cálice: vo-lo asseguram os vossos próprios olhos. Ao contrário, segundo a fé que se deve formar em vós, o pão é o corpo de Cristo, o cálice é o sangue de Cristo, mas a fé requer a instrução*». O Pe. Formigão ensinava que a Santa Eucaristia é uma escola onde aprendemos o Amor de Deus e, é também, uma escola do amor ao próximo.

D. José Cordeiro,

Bispo da Diocese de Bragança-Miranda

1. M. FORMIGÃO, Escritos espirituais 2, meditação 37.

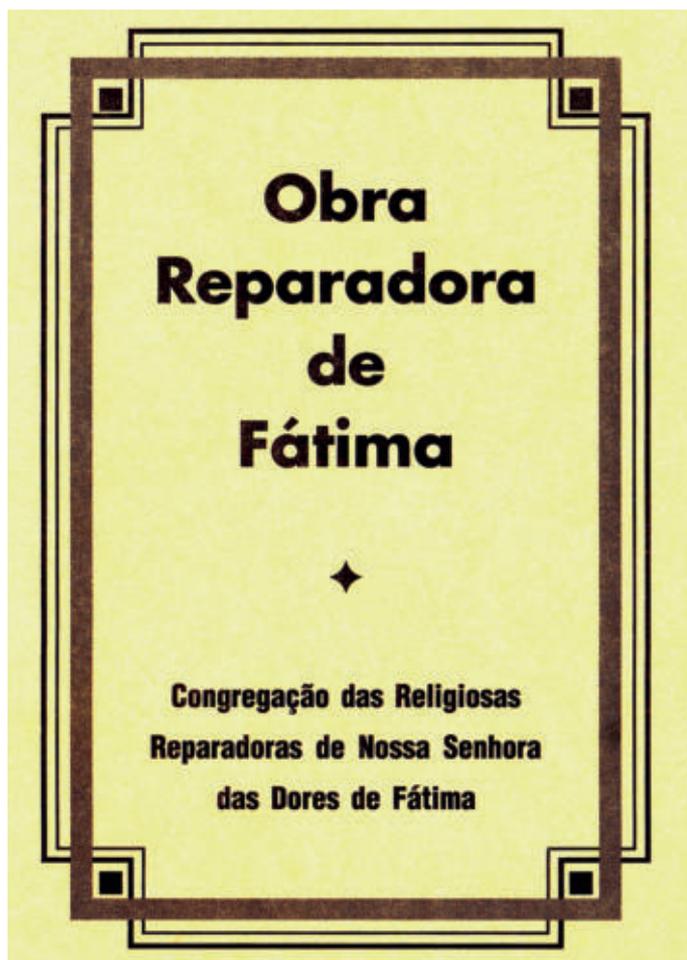
2. S. MARSILI, «Teologia da celebração da Eucaristia», in Anámnese, vol. 3, Edições Paulinas, São Paulo 1987, 68.

3. Bento XVI, Sacramentum Caritatis n. 66.

4. M. AUGÉ, «I sacramenti e la vita consacrata», Rivista Liturgica 93 (2006), 424.

5. J. PAULO II, Vida Consagrada 95.

Entrevista aos Leigos Reparadores de Fátima



A STELLA (ST) dialogou com Fernanda Carvalho, (FC) que fez o seu compromisso reparador, no primeiro grupo de Leigos da Obra Reparadora de Fátima.

ST - Hoje, quando se fala de Fátima, podemos pensar no seu desenvolvimento espetacular, nas grandes Basílicas ou na longa esplanada, e a mensagem da Senhora sobra para outro plano. Esta dirige-se ao coração, à liberdade dos homens e mulheres e à conversão decidida para Deus e o próximo. Como analisa as mudanças da sociedade motivadas por este insistente pedido.

FC - No mundo atual, o homem vê em primeiro lugar os esplendores materiais e as grandiosidades externas e preocupa-se em montar o seu negócio, umas vezes para proporcionar conforto e acolhimento aos milhares de peregrinos que se dirigem a Fátima, ou por uma questão de sobrevivência. O pedido de conversão de vida, pedido por Nossa Senhora, que conhecemos através do testemunho dos Pastorinhos, continua a não ser bem entendido. Mas a maioria dos peregrinos, católicos ou não, que visitam o Santuário, confirmam que se sentem tocados por uma paz interior e espiritual. Penso que esta amorosa experiência da “Mãe”, encerra uma responsabilidade e um estímulo para a vida e que se trata de uma profunda compreensão da verdadeira resposta à mensagem da Senhora.

ST - É um privilégio especial viver a mensagem de Nossa Senhora de Fátima após a canonização dos pastorinhos Jacinta e do Francisco. Quer falar-nos deste chamamento de Deus e de Sua Mãe na sua vida como Leiga Reparadora.

FC - Sinto-me feliz por fazer parte da Obra Reparadora. O Venerável Pe. Formigão e a Jacinta muito desejaram contagiar os nossos corações como forma de expandir vivamente a mensagem da Senhora: em oração, sacrifício, reparação, entrega e difusão das riquezas da Eucaristia. Vou alimentando o coração nesta fonte, pois Fátima é para mim *um facho ardente que paira sobre Portugal e o mundo inteiro, iluminando os corações, nas águas purificadoras do amor e da ternura de Deus*, como dizia o Fundador.

ST - Como pertença ao grupo de Leigos Reparadores, como assume esta responsabilidade e esta ligação na vida cristã e em família?

FC - A minha vida de reparação em família, tal como aconteceu com os Pastorinhos, é vivida de uma modo muito simples, em verdade e dedicação. O centro da nossa espiritualidade é a Eucaristia, mistério pascal renovado, onde Jesus se oferece pela humanidade. Sinto a responsabilidade

[Fotos_STELLA]

de divulgar a mensagem de Fátima e chamar mais irmãos reparadores. Tento pôr na prática no dia a dia o que tenho compreendido dos encontros de formação e retiros que nos são oferecidos pelas Irmãs.

ST - A Obra Reparadora de Fátima com estatutos aprovados e caminho de formação feito com êxito. Em que lhe parece que será necessário investir para que floresça cada vez mais, mesmo a nível paroquial?

FC - Reparar é amar Jesus presente em cada homem e em cada mulher, em cada membro sofredor do seu Corpo Místico, onde Ele está presente. Sempre que amamos alguém, com amor evangélico, estamos a reparar, estamos a fazer bem a um “cristo” vivo, doente, preso, sofredor, injustiçado, só, idoso, desamparado, etc. Estes atos de amor são modos concretos de reparar as chagas dos Irmãos onde Jesus continua a sofrer. É muito importante continuar a dar a conhecer a obra do Pe. Formigão na vertente reparadora, pedida por Nossa Senhora.

ST - Os estatutos da Obra Reparadora de Fátima tem como base de funcionamento a constituição de grupos podendo coexistir grupos de crianças, de jovens e de adultos. Parece-lhe que na sua paróquia é possível esta coexistência?

FC - Sim, parece-me possível e útil. No entanto, reconhecemos como é difícil cativar e manter os adultos, uma vez que se encontram comprometidos noutras atividades eclesiais. O mesmo acontece com os jovens e as crianças, que vivem assoberbadas com atividades: o grupo de jovens, catequese, escutismo, e outras.

ST - Os primeiros apóstolos da Mensagem escolhidos por Nossa Senhora foram 3 crianças. Que pistas poderá sugerir para que Obra Reparadora chegue até elas?

FC - Os pastorinhos entenderam a grandeza da sua missão para colaborar na salvação do mundo, não só com a oração, mas com a vida toda, ser amigos, estar unidos a Jesus,



Grupo em 2007

na sua entrega total a Deus. Assim, seria apenas necessário acreditar e iniciar um grupo com 3 crianças que seriam os “influencers” junto da família e de outros amigos e amigas.

ST - Em todas as visões a insistência da Senhora dirigiu-se à vida interior e à reparação pelas ofensas ao amor dos Corações de Jesus e de Maria. Como poderemos dar resposta a este pedido da Nossa Senhora?

FC - Gostava de responder com a recomendação da Jacinta, ao despedir-se para sempre da Lúcia: «Já falta pouco tempo para ir para o céu. Tu ficas cá para dizeres que Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao Imaculado Coração de Maria. Quando fores para dizer isso, não te escondas. Diz a toda a gente que Deus nos concede as Graças por meio do Coração Imaculado de Maria, que lhas peçam a Ela, que o Coração de Jesus quer que, a seu lado, se venere o Coração de Maria, que lhe peçam a paz porque Deus lha entregou a Ela.

Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro a queimar-me e a fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria!»

ST - Obrigada, pela partilha e que Nossa Senhora abençoe e ajude o movimento da ORF.

Fernanda Carvalho
Secretária do grupo S. M. Campo

O itinerário do jovem Formigão

GERTRUDES DUARTE FERREIRA



O nascimento de Manuel Nunes Formigão aconteceu a 1 de janeiro de 1883. Este menino cresceu numa sociedade influenciada pelas sequelas das lutas liberais, das invasões francesas dos tempos conturbados da última metade do século XIX, relatados pelo seu pai que tinha seguido a vida militar.

A segunda década da vida do jovem Manuel Formigão, foi caracterizada por um dos primeiros saltos tecnológicos no campo dos transportes, como o desenvolvimento do avião e do automóvel. E a nível social, foi também o início da chamada arte moderna com os movimentos culturais do pós-romantismo.

Relativamente à Igreja, a reorganização da Diocese de Lisboa deveu-se especialmente ao Patriarca D. Guilherme Henriques de Carvalho que em meados do século XIX, em 1853, conseguiu reabrir o seminário diocesano de San-

tarém. Os seus sucessores até à terceira década do século XX, tiveram de sustentar a vida católica contra grandes repositos ideológicos e institucionais, antes e depois da Implantação da República em Portugal. A nível internacional, na primeira década de 1900, também foi formada a Commonwealth e o Japão pela primeira vez, foi reconhecido como potência mundial, após a Guerra Russo Japonesa.

Entre 1902 e 1903 iniciou-se a publicação do jornal “O Académico”: semanário ilustrado, com conteúdos especialmente orientados para o meio estudantil, sendo particularmente importante nesta publicação periódica, fazer referência à propaganda republicana no meio académico.

Em 1903, Manuel Formigão, tinha 20 anos. No mês de junho/julho fez as provas de exame no Seminário Maior de Santarém. Terminou o curso de Teologia com a nota de Prémio Maior e o Curso de Liturgia com Distinção. Em no-

[Foto_Internet]

vembro desse ano, deveria iniciar as aulas, com a matrícula feita na Universidade Gregoriana, em Roma. E era importante partir, pois tinha estadia assegurada no Colégio Português. O seu estro poético foi crescendo à medida das solicitações para as festas da juventude e instituições com temas de cariz religioso, e ainda como num espelho da época que atravessou, na sua poesia sentem-se os ecos lancinantes das

guerras, dos anseios de paz, das crianças abandonadas pobres e da Pátria ameaçada.

Em junho de 1903, escreve esta poesia, já a viver a saudade da cidade de Santarém e da sua Pátria, sabendo que tem de partir sem regresso marcado.

Gerturdes Duarte Ferreira, RF

A MINHA PÁTRIA

Amor, amor fiel, ó Pátria terra,
te juro até à morte,
amor ardente que minh'alma encerra
dos peitos no mais forte.

A ti devo o inebriante aroma,
que no meu seio abrigo,
de flor sem par que ali meneia a coma
ao teu bafejo amigo.

Quando o procela ruge e, o negro manto
baixando, enturva a alma,
íris bendito, o teu celeste encanto
produz bonança e calma.

É a memória do torrão amado,
da Pátria estremeçada,
que dulcifica as mágoas do exilado,
na luta pela vida!

E, se se perde da ventura o porto
em páramo estrangeiro,
seu nome augusto é salutar conforto
embora derradeiro!

Quem, pois, ó minha Pátria, amor eterno
a ti sagrar não há de...
a ti que és meiga como o olhar materno
e o goivo da saudade?!

Eu por mim quero estar contigo unido,
como ao carvalho a hera,
até que tombe, do tufão batido,
qual flor de primavera.

E, ganha a voz do Arcanjo sobre a morte
a última vitória,
teu nome ainda cantarei mais forte
no resplendor da glória!

Manuel Nunes Formigão

Pe. Formigão nos anos 20 faz profecia

INEZ VIEIRA



“Fátima, a humilde povoação, há poucos anos quase desconhecida e hoje aureolada dum prestígio sem igual, constitui o mais poderoso íman dos corações, o polo magnético espiritual para onde se voltam irresistivelmente as almas sedentas de paz, de vida, amor e luz. Fátima, formoso oásis no deserto da vida”.

O Padre Formigão manifestava a certeza de que Se-

nhora da Mensagem veio a Fátima, convidar todos à santidade de vida, e escrevia sobre o que presenciava e sentia: *“A Virgem passa como uma visão do Paraíso, espalhando profusamente bênçãos e graças. E a multidão, enternecida, prostra-se a seus pés, bendizendo-a e saudando-a como uma Rainha e Mãe”.*

Muitas vezes rezava com os peregrinos: *“Bendita*

[Foto_STELLA]

seja a Virgem Nossa Senhora de Fátima, que do seu trono de Misericórdia e de amor continua a espargir sobre os seus filhos os dons mais preciosos e as graças mais escolhidas para glória de Deus”.

O Padre Formigão em todos inculcava esperança e confiança total: *“O Coração de Maria não cessa de velar por todos nós, de nos proteger, de nos beneficiar. Ela gerou-nos na dor e, quanto mais sacrifício lhe custarmos, tanto mais Ela nos ama. O Seu Coração vela por nós, de dia e de noite. Ela está sempre pronta a ouvir-nos e a atender-nos”.*

Ele falava com amor, deste planalto de Fátima: *“Fátima é hoje um facho ardente que paira sobre Portugal e o mundo, iluminando os corações nas águas purificadoras do amor”*

Passados 100 anos, o Santuário de Fátima divulga o plano Pastoral para 2020, com o tema *“Viver a Santidade no Mundo atual”*, a partir dos exemplos dos Santos Francisco e Jacinta Marto. Convida os peregrinos a *“Dar graças por viver em Deus”*, sublinhando que há um modelo cristão de felicidade alternativo ao egoísmo e à indiferença do tempo atual: a vivência do chamamento à santidade, segundo o exemplo dos Santos Pastorinhos, que se deixaram contagiar pela Luz de Deus.

Inspirado na primeira epístola de S. Pedro, em que todos os batizados são chamados à santidade, o último ano do pós-centenário, genericamente designado por *“Tempo de Graça e Misericórdia”*, centra-se no desafio de *“Dar Graças por viver em Deus”*.

A partir do acontecimento de Fátima, da vida dos seus protagonistas e da Mensagem deixada por Nossa Senhora, a que corresponderam com entrega e sem hesitações, o Santuário irá procurar ser um espaço onde cada peregrino sinta este chamamento encarnando-o no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades.

Por isso, a vocação batismal à santidade; a vida cristã como vida em Deus; a conversão como recentramento da vida em Deus; a santidade para os dias de hoje; as dimensões de uma espiritualidade cristã como luz da Mensagem de Fátima; a experiência da graça como experiência de Deus ou o Santuário como espaço de encontro com Deus e com a Sua

Misericórdia, são alguns dos itinerários que irão sendo refletidos e propostos a cada peregrino, num programa repleto de iniciativas e subsídios pastorais.

A santidade, que a Igreja Católica sublinha desde sempre, é um dos temas centrais do pontificado do Papa Francisco, que propõe um modelo de felicidade como alternativa ao consumismo, à pressa e à indiferença face ao outro. No documento *“Gaudete et Exultate” (Alegrai-vos e Exultai)*, exorta-nos e apresenta-nos um *“apelo”* renovado à santidade, proposta radical de vida, a que os Santos Pastorinhos aderiram e, por isso, constituem hoje um modelo de santidade. *“Se não cultivarmos uma certa austeridade, se não lutarmos contra esta febre que a sociedade de consumo nos impõe para nos vender as coisas, acabamos por nos transformar em pobres insatisfeitos que tudo queremos ter e provar”.*

O Cardeal D. António Marto, bispo da Diocese de Leiria-Fátima presidiu à inauguração da nova exposição: *“Vestida de branco: exposição comemorativa do centenário da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima”* que se celebra neste ano de 2020 – assinalará também o centenário da morte de Santa Jacinta Marto, bem como o início do Magistério Pastoral de D. José Alves Correia da Silva, Bispo na diocese de Leiria entre 1920 e 1957.

Inez Vieira, RF.

Rostos contemporâneos do bem comum

INEZ VIEIRA

O «bem comum» é uma história apaixonante e às vezes ambígua, porque atrás da surpresa das mesmas palavras se escondem profundas transformações. Há quem afirme que esta história tem a sua fonte na Antiguidade, outros a procuram no pensamento de Aristóteles. Para a filosofia grega, um bom governante é aquele que não governa por ele mesmo mas em unidade com um corpo civil dirigido para o bem comum a cujo pensamento está associado a virtude. Os pensadores da República, retomam igualmente uma tradição espiritual que se desenvolve sob a caneta de Tomás de Aquino (1225-1274). Nos seus escritos de teologia, a cidade ideal é orientada para o Bem e Deus assegura a cada um o seu lugar.

Alimentados pelas mesmas raízes, estimulam-se mutuamente, segundo o pensamento da Igreja que se questiona sobre quem realiza o melhor bem comum: os que rezam fora

da cidade ou aqueles que a servem nos seus riscos e perigos? A vida contemplativa ou a vida ativa?

Segue-se a revolução industrial e o nascimento do mundo operário, e a Igreja toma posição formalizando a sua doutrina social. A encíclica RERUM NOVARUM do Papa Leão XIII, em 1891, coloca a primeira pedra desta doutrina oposta ao socialismo, «tudo em prol da justiça nas remunerações e na liberdade dos trabalhadores». Quarenta anos mais tarde, QUADRAGÉSIMO ANO utilizou pela primeira vez a expressão «bem comum» que o Concílio Vaticano II definiu como «conjunto de condições sociais que permitem tanto aos grupos, como a cada um dos seus membros, atingir a perfeição duma maneira mais total e mais espiritual», (Constituição Pastoral Gaudium et spes, nº 26).

O bem comum, no que concerne aos grupos que compõem a sociedade, e a cada um dos seus membros, o Concí-



Abhijit Banerjee, Esther Duflo, Michael Kremer - Vencedores do Prémio Nobel da Economia de 2019

[Fotos_Internet]

lio impugna «o individualismo liberal como se a sociedade existisse apenas para permitir a cada um alcançar os seus interesses pessoais, e o socialismo coletivo quando os indivíduos são absorvidos pelo projeto coletivo que devem seguir». O bem comum é o bem de todos, resume o Papa Bento XVI... «Um nós-todos», inclusivo que recusa que alguns sejam sacrificados para proveito de um grande número. «Um nós-todos» que não fecha as fronteiras de uma comunidade particular, às gerações atuais porque o bem comum é o da humanidade, no presente e no futuro.

Na Encíclica LAUDATA SI, o Papa Francisco sublinha que «a ecologia humana é inseparável da noção do bem comum», documento apoiado recentemente pelos Empreendedores e líderes cristãos. E o Papa prossegue: «as crises económicas internacionais mostraram de modo cruel os efeitos nocivos de um destino comum, pois aqueles que estão atrás de nós não podem ser excluídos». Ao longo da história, o bem comum é considerado como uma bússola útil, na forma de orientar as boas práticas.

Nestes tempos de mudanças profundas na sociedade, no mundo económico e na vida política de Portugal e além, essa noção, está passando por um reavivamento nos campos intelectual, político, social e económico.

Em 2009, Elianor Ostrom recebeu o prémio Nobel da Economia, pelos seus trabalhos sobre os bens comuns, e disse: «A meu ver esta escolha traduz um voltar do interesse trazido ao bem comum, impulsionado pela exigência ecológica, mas também pela revolução numérica que faz nascer novas desigualdades. Eu aí vejo o reconhecimento que os nossos modelos económicos atuais estão em contradição com o ideal do bem comum».

Uma obra, ou melhor, um manifesto, assinado por catorze pessoas de inspiração cristã, que exercem importantes responsabilidades na sociedade civil, escreve Michel Cool no seu prefácio, «para reivindicar que o bem comum é a prioridade das políticas que serão executadas no mundo, nos próximos cinco anos».

O assunto é fascinante. As contribuições reunidas neste documento – incluindo as de Dominique Greiner, edi-



Abiy Ahmed Ali - 1º Ministro da Etiópia - Vencedor do Prémio Nobel da Paz de 2019

tor-chefe assumido e religioso, podem ser apreciadas sem moderação. Catorze temas são selecionados para o bem comum, vistos a partir do século XXI, em uma caneta que é ao mesmo tempo educacional e estimulante. Um convite para pensar em toda a modernidade, a riqueza e os desafios atuais levados por esse pilar fundamental da doutrina social da igreja, que mergulha suas raízes distantes em São Paulo, depois em São Tomás de Aquino.

Longe de estar acima do solo, desconectada da realidade humana ou desatualizada, essa sabedoria cristã, acaba sendo «especialista em humanidade», sublinha Michel Cool. "E a crise humana" pela qual o mundo está passando, deve ser superada pela ajuda àqueles que demonstram ousadia, audácia, criatividade e esperança.

Inez Vieira, RF.

A Stella lançou o seu olhar mais ao longe...

FÉLIX LUNGU

Com a ajuda do Departamento de informação da Fundação AIS – Ajuda à Igreja que Sofre, sabemos notícias sobre a vivência da Festa do Nascimento de Jesus, neste Natal de 2019.

REINO UNIDO:

Príncipe Carlos enviou, através da Fundação AIS, mensagem de solidariedade para os cristãos perseguidos. O Príncipe de Gales sublinhou a situação extremamente difícil em que se encontram as comunidades cristãs vítimas de perseguição religiosa em diversos países do mundo.

Iraque, Síria e Sri Lanka são os países referidos pelo filho da rainha Isabel II como exemplo dos países onde “inúmeras pessoas enfrentam terríveis perseguições ou são forçadas a fugir de suas casas” por causa da intolerância religiosa de que são vítimas. Recorda ainda que, nesta altura do ano em que o mundo celebra o nascimento de Jesus, “é de vital importância recordar todos aqueles que sofrem perseguição por causa da sua fé cristã”.

Na mensagem de Natal, o Príncipe Carlos mostra uma preocupação real pela situação dos cristãos no Médio

Oriente e, citando o mais recente relatório produzido pela Fundação AIS – “Perseguidos e Esquecidos?”, lançado em Lisboa, no passado mês de outubro –, refere que tanto na Síria como no Iraque se caminha para o desaparecimento quase absoluto da presença desta comunidade religiosa.

FILIPINAS:

No domingo dia 22 de dezembro, duas bombas explodiram nas imediações da Catedral da Imaculada Conceição de Cotabato, na Ilha de Mindanao, causando pelo menos 22 feridos.

Um dos engenhos – aparentemente uma granada – provocou a maioria dos feridos, entre os quais 12 soldados que se encontravam no local integrados numa vasta medida de segurança dos templos religiosos nesta altura festiva do Natal. A outra bomba causou apenas ferimentos num transeunte.

A Agência ‘Fides’ publicou que o padre Zaldy Robles estava a celebrar no momento da explosão, e que as pessoas que estavam na rua, ficaram em pânico e refugiaram-se na igreja. Para o sacerdote, o ataque foi “um ato covarde nas vésperas do Natal”



[Fotos_AIS]

**SÍRIA:**

A Irmã Annie Demerjian, em Aleppo, na Síria, agradece toda a ajuda que a Fundação AIS tem disponibilizado para as crianças, os idosos e as famílias, “especialmente os que estão a sofrer em consequência da guerra”.

A Irmã Annie pertence à congregação das irmãs de Jesus e Maria, é responsável pelos projetos da AIS neste país do Médio Oriente e esteve em Portugal por várias ocasiões, nomeadamente em outubro do ano passado, em Fátima, onde participou na campanha ‘1 milhão de crianças rezam o Terço pela paz’

MOÇAMBIQUE:

Uma capela da Igreja Católica, foi vandalizada em Chitunda, aldeia situada na província de Cabo Delgado, na sequência de mais um ataque por grupos desconhecidos no norte de Moçambique. Além da destruição causada na capela, várias casas foram queimadas e houve ainda a destruição de diversas infraestruturas, na madrugada de 17 de dezembro, oito dias antes do Natal.



As primeiras fotografias foram divulgadas na conta de Twitter do jornalista Wassim Nasr, da ‘France 24’, logo após o ataque em Marere. É possível ver diversos homens armados ostentando bandeiras que aparentam ser do Daesh.

Há dois anos esta região norte de Moçambique vive num clima de medo e de insegurança por poderes ocultos que querem impor os seus próprios interesses, matando pessoas, incendiando aldeias e semeando destruição por toda parte”. A Irmã Katia Sassi que acompanhava a Conselheira Geral, Irmã Maraelena Aceti, afirma que durante a viagem, “por várias vezes” foram mandadas parar “pelos militares que controlam a estrada”, e referiu-se à presença de soldados moçambicanos destacados por causa do clima de intranquilidade que se vive na zona.

AIS, Departamento de informação

A Amazônia fonte de vida...

AGÊNCIA ECCLESIA



Navegação no Rio Amazonas

Quero voltar o meu olhar e pensamento para a Amazônia, território extenso com uma população estimada em 33.600.000 habitantes, dos quais 2 a 2,5 milhões são indígenas. Atualmente é a segunda área mais vulnerável do mundo em relação às mudanças climáticas pela ação direta do homem, formado pela bacia do rio Amazonas e todos os seus afluentes e por 9 países: Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Brasil, Guiana, Suriname e Guiana Francesa. No ano de 2006, cerca de 200 pessoas entre elas cientistas, ambientalistas, líderes religiosos e jornalistas, também da Rádio Vaticano, encontraram-se para o 6º simpósio do projeto “Religião, Ciência e Ambiente”: Esta iniciativa foi idealizada e promovida pelo Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Bartolomeu I e dedicada ao tema “Rio Amazonas, fonte de vida”. Os resultados deste encontro serviram de suporte para o “Instrumentum Laboris” do Sínodo convocado pelo Papa Francisco, para o mês de outubro de 2019, no Vaticano. A vida na Amazônia “identifica-se” com a água. A vida é inserida, ligada e

integrada ao território, que como espaço físico vital e nutritivo, é possibilidade e sustento, mas também é limite de vida.

O Papa Francisco publicou o documento final do Sínodo com os princípios de atuação e dinamismo a colocar em prática. Vou apenas referenciar três desses princípios.

1. A voz e a canção da Amazônia como uma mensagem da vida porque a água e a terra desta região nutrem e sustentam a natureza, a vida e as culturas de centenas de comunidades indígenas, camponeses, afrodescendentes, mestiços, colonos, ribeirinhos e habitantes de centros urbanos. A água como fonte da vida, tem um rico significado simbólico. O ciclo da água é o eixo de conexão dos ecossistemas, das culturas e do desenvolvimento dos territórios.

2. O clamor da terra e o clamor dos pobres. A Amazônia hoje é uma beleza ferida e deformada. É um lugar de dor e violência. Os ataques à natureza têm consequências funestas contra a vida dos povos. A crise sócio-ambiental refletiu-se na escuta pré-sinodal e apontou as seguintes

[Fotos_Ecclesia]

ameaças à vida: apropriação e privatização de ativos naturais, como a própria água; concessões legais de exploração madeireira e entrada de madeireiros ilegais; caça e pesca predatórias; megaprojetos hidroelétricos não sustentáveis, concessões florestais e projetos de mineração e petróleo. A poluição causada pela indústria extrativa é ameaça real que tem sérias consequências sociais associadas a elas: doenças derivadas da poluição, tráfico de drogas, grupos armados ilegais, alcoolismo, violência contra as mulheres, exploração sexual e tráfico de pessoas, perda da cultura original e de identidade como a linguagem e costumes espirituais. As vítimas são os setores mais vulneráveis, crianças, jovens, mulheres e a irmã terra mãe.

3. A Igreja na região amazônica

A Evangelização na América Latina foi um presente da Providência que chama a todos à salvação em Cristo. Apesar da colonização militar, política e cultural, e da ambição dos colonizadores, muitos missionários deram a vida para transmitir o Evangelho. O sentido missionário não apenas inspirou a formação de comunidades cristãs, mas também as Leis das Índias, que protegiam a dignidade do povo indígena contra os abusos de seus povos e territórios. Atualmente, a Igreja tem a oportunidade histórica de se diferenciar das novas potências colonizadoras, ouvindo os povos da Amazônia para poder exercer

sua atividade profética com transparência. Além disso, a crise sócio-ambiental abre novas oportunidades para apresentar Cristo em todo o seu potencial libertador e humanizador.

Uma das páginas mais gloriosas da Amazônia foi escrita pelos mártires. A participação dos seguidores de Jesus em Sua paixão, morte e ressurreição gloriosa acompanhou a vida da Igreja até hoje, principalmente nos momentos e lugares em que ela, por causa do Evangelho de Jesus, vive no meio de uma forte contradição, como acontece hoje com aqueles que lutam corajosamente em favor de uma ecologia integral na Amazônia.

O Sínodo reconheceu com admiração todos aqueles que lutam, com grande risco de suas próprias vidas, para defender a existência deste território. A Igreja, em seu processo de escutar o clamor do território e o clamor dos povos, propõe-nos na Encíclica 'Laudato Si' do Papa Francisco a criação como "dom de Deus a toda a humanidade". E acrescenta que "o ambiente está em perigo, porque está a ser explorado nas mãos do homem". As consequências na época e hoje, são alterações ambientais e as doenças que exterminam as populações autóctones. Ambientalistas e missionários morrem por este motivo, como a religiosa americana Dorothy Stang, que em 2005, foi morta por defender os 'ribeirinhos'.



Papa Francisco e o grupo da Amazônia.

ESTATUTO EDITORIAL

Stella é uma publicação trimestral, sem fins lucrativos e de interesse público. É propriedade da Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima.

Stella nasceu vinculada às aparições de Nossa Senhora de Fátima e tem como objetivo principal divulgar a sua Mensagem.

Stella procura interpretar, no respeito pela verdade, os acontecimentos mais relevantes da religião, do país e do mundo à luz da mensagem cristã ensinada pela Igreja Católica.

Stella orienta-se por uma ética de independência e isenção de quaisquer forças económicas, ideológicas ou políticas.

Stella rege-se pelo cumprimento das normas éticas e deontológicas do jornalismo, desde que compatíveis com os seus princípios fundamentais.

Stella recorrerá à legislação vigente para proteger os seus direitos.



construções
divireis
Alvará nº 35593
www.divireis.pt

Av. Beato Nuno, Edf. Sol Nascente, n.º 348 B
Cova da Iria – 2495-401 FÁTIMA
Telf.: 249 531 211 • Fax. 249 538 357 • www.divireis.pt

MUITO MAIS QUE O SIMPLES OLHAR



rosa d'ouro

FÁTIMA Rua dos Monfortinos 249 530 080
NAZARÉ Rua dos Galeões | Edifício SolMar, loja 3 262 561 689
www.optica-rosadouro.pt



Coelho & Sá, L^{da}
INDÚSTRIA ALIMENTAR

Padaria e confeitaria
conservas de frutos em calda e cristalizados
doces, frutas secas e amêndoas

Rua Jacinta Marto, 78 – R/C – 2495-450 FÁTIMA
Tel. Fáb. 249 532 045 • Fax. 249 531 445
Serv. Com. 249 532 447 • coelhoesa@telepac.pt

COLORFOTO
FOTOGRAFIA E VIDEO

Colorfoto - Fotografia e Video
Morada Praça Paulo VI, n.º. 9 - 2495-409 Fátima
Telefone 249 533 828 E-mail colorfotofatima@sapo.pt



Rua de Santo António
2495-430 Fátima
Tel.: 249 530 110 | Fax: 249 530 119
www.hotelstmaria.com | info@hotelstmaria.com


Hotel Santa Maria
FÁTIMA

Avenida D. José Alves Correia da Silva
2495-402 Fátima
Tel.: 249 530 120 | Fax: 249 530 129
www.hotelsaojose.com | info@hotelsaojose.com

hotel 
são José
FÁTIMA

A maior Paramentaria da Europa

PARAMENTARIA DE FÁTIMA



Estrada de Leiria – Apartado 70 | 2496-908 Fátima – Portugal | TELEF 249 532 350/1 – FAX 249 532 326 | www.artesacris.com • comercial@artesacris.com

pedo  Jovem
clínica médica e dentária

Diretora Clínica
Dra. Paula Marto



CONSULTAS_ 2ª a Sábado das 09h às 13h e das 14h às 20h
Edifício Três Reis, 14 - 1.º U, Rotunda Sul - Fátima * telf./fax 249 531 275 * telm. 969512482 * email: pedojovem@hotmail.com

PEREGRINAÇÃO 2020

PEREGRINAÇÃO
REPARADORA

TURQUIA

Visitando:

Istambul, ex Constantinopla

Capadócia: Vale de Gorême, igrejas rupestres

Konya: antiga capital do império Seljúcida

Pamukkale: "Castelo de Algodão"

Éfeso: Casa da Virgem Maria nos últimos anos a sua vida.

Izmir e muito mais

2ª quinzena de agosto de 2020 – 8 dias de viagem

Organizada pela revista STELLA

A confirmar o sacerdote que acompanha e a
marcação dos dias.

